

BALADA SOMBRIA DE UM JUSTICEIRO

LIVRO II – O ECO DO ABISMO



Antichrist HellShooter – O Eco do Abismo

Prólogo – O Sussurro nas Cinzas

A fumaça da arena ainda pairava sobre o mundo como um véu de guerra. O último disparo já havia silenciado os aplausos. E no coração de Prontera, onde antes havia gritos de celebração, agora só restava o vazio. A vitória foi dele. Mas ele não a aceitou.

Antichrist HellShooter desapareceu sem uma palavra.

Os bardos tentaram cantar sua glória. Os arquivos do servidor o registraram como campeão. Mas nenhum deles conseguiu encontrá-lo.

Alguns dizem que ele retornou para Niflheim. Outros juram que seu espírito se fundiu com as sombras do PvP, onde nenhuma luz do sistema pode alcançá-lo.

Mas a verdade é mais sombria.

Pois algo o observava durante o torneio. Algo que **não fazia parte daquele mundo.**

Capítulo 1 – Ruptura

Em meio à floresta de Umbala, onde as árvores não crescem mais e os mortos não repousam, um portal se abriu sem aviso.

Ele surgiu no silêncio, como um rasgo na própria realidade.

Antichrist estava lá.

O olhar já não era de raiva. Era de **desconfiança**. Durante semanas, ele ouvira sussurros durante seus sonhos. Palavras em línguas que nem os Sábios conheciam. E mais estranho: seu corpo mudava. As balas não apenas matavam... **elas drenavam**.

Não de HP. Mas de algo mais antigo: **memória, alma, essência**.

Enquanto avançava pela floresta morta, passos ecoavam atrás dele, embora nada se movesse. E ao centro da clareira, o portal se contorcia como uma ferida viva.

Algo o chamava.

E então, uma voz — não ouvida, mas sentida — cravou-se em sua mente:

“Você abriu a porta... quando negou a glória.”

Ele sacou sua arma. Mas naquele instante, as runas de seu coldre começaram a brilhar — não com poder, mas com **alerta**.

Algo estava errado com a realidade.

E então, do portal, **uma silhueta familiar** se ergueu.

Usava seu rosto.

Mas os olhos... eram vazios.

Capítulo 2 – Aquele Que Usa Meu Nome

O ar pesava como se o tempo estivesse suspenso.

A figura diante dele não respirava, não tremia, não piscava. Mas era ele. O mesmo manto, os mesmos olhos... com a ausência absoluta de vida por trás deles.

Antichrist HellShooter levantou sua arma, mas o outro também. Em perfeito espelho.

“Quem é você?”, ele rosnou, o som arrastando-se como veneno entre os dentes.

A entidade respondeu com silêncio. E então, com um movimento que não era natural, mas **muito preciso**, disparou.

A bala não feriu. **Desfez**.

Um pedaço do mundo onde ela tocou simplesmente deixou de existir. Como se nunca tivesse estado ali.

Antichrist se esquivou e rolou para o lado, disparando sua rajada amaldiçoada. Mas as balas atravessaram o duplo como se ele fosse névoa sólida — real o suficiente para matar, mas intocável por meios comuns.

A criatura sorriu. E falou com a voz dele:

“Você não deveria ter recusado a coroa.”

Capítulo 3 – O Fragmento Proibido

O combate terminou abruptamente. A entidade sumiu como poeira rasgada pelo vento.

Antichrist caiu de joelhos, ofegante, mas não por cansaço físico.

Algo dentro dele **quebrou**. Ou melhor, algo foi arrancado.

Na palma de sua mão, havia um símbolo. Não tatuado, não desenhado, mas gravado sob a carne — como se sempre tivesse estado lá, esperando para despertar.

Um círculo de runas, com um olho no centro. O mesmo símbolo que viu no coldre quando o duelo começou.

Ele buscou respostas.

Mas nenhuma cidade o reconhecia. Nenhum NPC respondia. Os mapas agora mostravam falhas, locais que não deveriam existir. Glitches? Mods? Hacks?

Não. Era mais profundo.

Foi em Niflheim que encontrou a primeira pista. Um antigo sacerdote, escondido nos escombros de um templo corrompido, fitou o símbolo e empalideceu:

“Você carregou a sombra de um mundo esquecido...

Aquele que o espelhou é um Fragmento de Ymir...

Mas não da criação... da **corruptura**.”

A voz do sacerdote silenciou. Sua carne apodreceu em segundos. Apenas o eco de sua última palavra ficou no ar:

“Runemortis...”

Capítulo 4 – Ecos que Caçam

Depois do sacerdote, o silêncio caiu como uma sentença.

Nenhuma alma viva ousava mais olhar para Antichrist HellShooter. Nos mapas onde antes havia clãs, NPCs e mercados, agora havia apenas **desconexão**. Ele não foi banido. Mas estava sendo **isolado**. Não pelo jogo — mas pela **realidade deformada que acordara dentro dele**.

Durante a noite, ele sonhava com o outro eu.

Durante o dia, sentia que não estava sozinho no próprio corpo.

E em seus sonhos, vozes murmuravam nomes que não existiam em Prontera.

Palavras antigas, distorcidas.

“Os Fragmentos... devem ser reunidos.”

Em **Abyss Lake**, sob a superfície morta da água, ele encontrou a entrada para uma caverna que não constava em nenhum registro do WorldRag.

As paredes eram cobertas por olhos cravados em pedra. Eles o observavam, mas nunca se fechavam. No fim da caverna, uma lápide o aguardava.

Ela tinha **seu nome**.

E sobre ela, um segundo fragmento pulsava — um dente negro flutuante, rodeado por pequenos espectros enjaulados que gritavam **em silêncio**.

Quando tocou o fragmento, seu braço queimou.

E ele viu — viu o nascimento da **Corruptura**: uma entidade formada dos resíduos dos resets, dos arquivos esquecidos, dos pixels falhos e dos dados corrompidos de todos os justiceiros que **fracassaram**.

“Você não é único. Você é o último de nós.”

Capítulo 5 – O Contrato de Carne

O segundo fragmento despertou algo nele.

Seus tiros não faziam apenas dano agora. Eles revelavam **coisas escondidas**. Em Glast Heim, ao atirar contra um espelho quebrado, ele viu um reflexo que **não** estava ali. Um inquisidor morto há séculos, sussurrando ainda nos corredores.

As balas dele atravessavam o **tempo**.

Mas havia um preço. A cada fragmento absorvido, uma parte da sua identidade se diluía. O nome "Antichrist HellShooter" começava a desaparecer dos rankings, das memórias, dos fóruns.

Ele era poderoso...

Mas estava deixando de ser **ele mesmo**.

“Aceite o contrato e seja a arma final,” disse a voz.

“Ou recuse... e seja caçado por aquilo que você não quer se tornar.”

O próximo fragmento estaria em **um lugar que não pode ser carregado pela engine**. Um local **entre mapas**, acessado apenas quando a tela pisca no momento exato do logout.

O NonPlace.

Capítulo 6 – O Silêncio das Cinzas

Não havia música de fundo.

Não havia NPCs.

O NonPlace era ausência.

Antichrist HellShooter acordou em pé, mesmo sem lembrar de ter deitado. O chão sob seus pés não era pedra nem terra — era um ruído estático pixelado, como se tivesse carregado incompleto, corrompido. O ar não se movia, mas havia um cheiro de eletricidade antiga, como se os servidores sussurrassem por entre os códigos mortos.

Nenhuma interface. Nenhum chat. Nenhum logout.

Ele estava entre quadros de animação — entre o *frame* do mundo e o próximo. Um glitch? Não. Uma armadilha criada por algo que conhecia as leis por trás da existência, e que agora distorcia o que ele chamava de realidade.

“Você aceitou o segundo fragmento...
Agora caminha fora do tempo.”

A voz veio sem som. Era um pensamento implantado, não ouvido.
Ela pulsava atrás dos olhos, como uma dor de cabeça que respira.

Antichrist sacou suas armas por instinto, mas elas não responderam de imediato. Como se estivessem presas em delay.

Ali, até o armamento se comportava como memória — fragmentada, atrasada, instável.

Foi então que ele o viu.

Não uma criatura, nem um inimigo.
Um reflexo.

Ele mesmo.

Mas sem olhos. Sem nome.
A versão dele que *não recusou o contrato*.

“Se você continuar... só restará a função.
O justiceiro será substituído pela causa.
E a causa... é fome.”

O reflexo levantou a arma. Antichrist também. Mas os tiros não aconteceram. Em vez disso, uma linha de sangue escorreu entre os pixels do chão. O NonPlace estava sangrando. Era a própria realidade rejeitando a existência de dois Antichrists simultaneamente.

Ele entendeu.

Ali, ele deveria derrotar a si mesmo.
Mas não fisicamente — **conceitualmente**.

A batalha que se iniciava era metafísica.
E só terminaria quando ele soubesse com certeza:

Por que ainda atira?

Capítulo 7 – O Motivo e o Monstro

O tempo se despedaçava ao redor dos dois.

Não havia barra de HP, não havia dano visível — apenas o impacto psíquico de cada pensamento disparado.

Cada tiro era uma lembrança distorcida, uma pergunta não respondida, uma culpa esquecida.

O outro Antichrist, o que aceitara o contrato por completo, parecia ter se fundido com os fragmentos. Seus olhos eram buracos abertos para uma escuridão que sussurrava em idiomas do código-fonte. Sua voz não usava palavras — usava *erros de carregamento*.

"VOCÊ É APENAS UMA INSTÂNCIA."

Antichrist desviou de um disparo que rasgou o espaço como uma linha de comando executando uma função proibida.

Sentiu o impacto em sua alma. Não em seu corpo.

Ele recuou, tropeçando em algo que não estava ali, mas estava.

Era uma lembrança:

A primeira vez que disparou uma bala não por justiça... mas por medo.

O dia em que atirou antes de perguntar.

E aquilo doeu.

"VOCÊ MATOU MAIS POR PRECISAR SE SENTIR REAL,
DO QUE POR ACERTAR AS CONTAS."

Era verdade.

E era mentira.

Ambas ao mesmo tempo.

A versão corrompida dele avançava, armas fundidas ao braço, olhos queimando em vermelho com erros 404.

Era uma manifestação viva do que aconteceria se ele **perdesse o porquê**.

Ele se perguntou, pela primeira vez em anos, o que havia buscado desde o início.

Vingança?

Justiça?

Caos?

Não.

Nada disso bastava.

A resposta estava enterrada nas palavras do velho mestre renegado que um dia o ensinara:

*"A bala mais precisa não é a que acerta,
é a que escolhe não ser disparada."*

Antichrist abaixou as armas.

O reflexo parou.

A realidade tremeu.

Ao renunciar à violência, naquele exato momento em que o mundo pedia sangue, ele fez o oposto do que o contrato ordenava.
E isso rasgou o NonPlace em dois.

A versão corrompida gritou, mas não com raiva. Com alívio.
Desintegrou-se em fragmentos de memória — e uma delas, pulsando vermelho, flutuou até ele.

O terceiro fragmento.

Mas ao tocá-lo, Antichrist ouviu algo que não vinha da corrupção, nem da voz que o acompanhava.

Uma terceira presença.

Algo antigo. Algo que existia antes do primeiro servidor.
Um nome esquecido entre os arquivos iniciais.

“Draven.”

Capítulo 8 – Draven

O NonPlace desapareceu.

Não como quem desloga, mas como um sonho que se dissolve ao acordar — deixando apenas a sensação e a cicatriz.

Antichrist estava ajoelhado sobre um chão de pedra gasta, coberta de símbolos que não pertenciam a nenhuma classe, raça ou era.

A atmosfera pesava como chumbo.

Aos poucos, a realidade ao seu redor se moldava. O lugar era uma espécie de biblioteca soterrada, mas os livros não tinham capa, apenas títulos talhados em ossos de criaturas extintas. Era um espaço que não deveria existir — e ainda assim, existia, como se negasse as regras do próprio jogo.

Foi então que ele o viu.

Uma figura encapuzada, sentado à sombra de uma escadaria que subia até onde os olhos não alcançavam. Sua presença era anterior ao servidor, anterior ao jogo. Não era um bug. Era um **intérprete** — alguém que lia os códigos da existência como poesia.

Seus olhos ardiam em roxo, não como brilho, mas como *ausência de luz*.

“Você se libertou do seu reflexo,” disse a figura.

“Está pronto para a próxima verdade?”

Antichrist manteve o olhar firme.

— Você é Draven.

O homem sorriu. Não com alegria. Com pena.

“Sou o que restou dele.”

Aquela resposta gerou um eco — um tremor no código da sala. Os livros tremularam em suas estantes como se tivessem lembranças reprimidas.

“Draven foi o primeiro justiceiro. Antes da classe existir. Antes das armas dispararem sprites e balas de fogo. Ele foi criado para punir... mas acabou *amando* o caos.”

“Deram a ele um contrato. Como deram a você. Mas ele não recusou.”

Draven estendeu a mão. Em sua palma, uma esfera negra palpitava — algo entre um olho e um fragmento de servidor.

“Este é o quarto fragmento. Mas não é apenas poder. É *fome de identidade*.”

Cada fragmento que você coleta não o fortalece. Ele o apaga, pedaço por pedaço.”

Antichrist sentiu a verdade daquilo dentro dos ossos. Seu nome estava mais fraco nos rankings. Sua aparência começava a mudar nas lembranças alheias. Mesmo os que lutaram ao lado dele começavam a esquecê-lo.

“Afinal... quanto mais forte você fica, mais deixa de ser um personagem, e mais se torna uma *função*.”

Draven caminhou até ele, passos lentos, pés descalços sobre o chão encantado.

“A pergunta agora é: Você quer vencer? Ou quer sobreviver?”

Antichrist ergueu os olhos. A resposta estava por vir. Mas antes disso, a escuridão ao redor se moveu.

E ela não vinha de Draven.

Ela vinha de **fora do mapa**.

Capítulo 9 – O Eco do Abismo

O chão tremeu.

Mas não como um terremoto. Não como o colapso de um mundo.

Era o **grito de algo que nunca nasceu**.

Draven congelou. O artefato em sua mão — o quarto fragmento — se apagou como se sufocado por uma presença maior. Pela primeira vez desde que Antichrist o viu, ele hesitou.

“Não era para isso acontecer tão cedo...” murmurou o espectro do primeiro justiceiro.

A escuridão ao redor não era sombra — era ausência de script. Um espaço que nem os deuses do código podiam mapear.

Um som se arrastava por ali. Como se o servidor estivesse chorando por dentro.

Então, *ela* emergiu.

Não era criatura. Não era entidade.

Era a junção dos arquivos esquecidos, os patches deletados, as memórias de jogadores banidos, as falas de NPCs cortados no desenvolvimento.

Era o **Abismo**.

E ele tinha **voz**.

“VOCÊS USARAM MINHAS PARTES PARA SE TORNAREM DEUSES.
AGORA, QUERO MEU CORPO DE VOLTA.”

Draven recuou. Seus olhos roxos piscaram em glitch, como se lutasse para permanecer visível. Antichrist sentia o próprio corpo vibrar — não de medo, mas de ruptura. Aquilo queria reescrevê-lo. Como se ele fosse apenas uma linha mal-formatada.

“A única forma de vencê-lo,” Draven sussurrou, “é fundir os fragmentos e se tornar um com o código. Mas ao fazer isso... você não voltará.”

Antichrist olhou para o fragmento flutuando no ar.
O quarto. O último.

Ele sabia o que significava.

Aceitar seria tornar-se mais do que um personagem.

Mais do que um justiceiro.

Ele seria parte do próprio Ragnarok — um fantasma do sistema, uma força de equilíbrio ou destruição.

“Você pode fugir agora. Deixar este mundo quebrar.
Ou aceitar o sacrifício e travar a porta do Abismo por dentro.”

Antichrist pensou nos que esqueceram dele. Nos que ainda lutavam, sem saber o que estava para se abrir debaixo de seus pés.

Pensou em seu nome, quase apagado.

Pensou em quem ele *foi*...

E no que precisava *se tornar*.

Ele deu um passo. Depois outro.

Ergueu a mão até o fragmento final.

“Eu não quero ser lembrado.
Quero que ninguém mais precise se lembrar de mim.”

O toque foi silêncio.

Luz invertida.

Explosão sem som.

Antichrist HellShooter desapareceu.

Mas o Abismo gritou.

Capítulo 10 – Último Registro

Ninguém viu.

Não houve efeito especial no céu.

Nenhum anúncio no chat global.

Apenas um **silêncio profundo** que se espalhou pelos mapas mais antigos, como se o servidor inteiro tivesse prendido a respiração por um instante.

Nos arquivos ocultos do sistema, um novo diretório surgiu.

Sem nome. Sem permissão de acesso.

Apenas uma única entrada:

```
/core/lostghosts/hellshooter.sig
```

Um arquivo de texto.

Criptografado com uma linguagem não documentada.

Administradores tentaram deletar.

Falharam.

Jogadores tentaram rastrear.

Nada.

NPCs começaram a ter sonhos sobre um justiceiro sem nome.

Mas alguém... alguém conseguiu abrir.

E o conteúdo era curto, mas carregado com algo que parecia pesar toneladas.

```
css
```

```
CopiarEditar
```

```
[DATASTREAM_RELAYED///ERROR_553]
```

```
Mensagem interceptada fora da instância de tempo.
```

```
"Se você está lendo isso...
```

```
então algo deu errado.
```

```
Eu entrei no coração do Abismo.
```

```
Não para vencê-lo —
```

```
mas para impedir que ele se lembrasse de vocês."
```

```
[IDENTIDADE_REMANESCENTE: H#l!$#oo†e®]
```

"Não me procurem.

A não ser que estejam dispostos a perder tudo que os torna humanos."

</END_OF_LOG>

As letras finais piscavam como uma ferida aberta no código.

Mas em algum canto do servidor, um velho parceiro — talvez um mercenário, talvez um monge, talvez um criador de autômatos — recebeu essa mesma mensagem.

E respondeu com uma única palavra:

"Vamos trazê-lo de volta."